

FENÔMENOS TEXTUAIS E CONTEXTUAIS NO PROCESSO DE COMPREENSÃO LEITORA

MARIA ANGÉLICA FREIRE DE CARVALHO¹

RESUMO

O leitor, em sua experiência com o texto, segue uma via de acesso aos enunciados, essa estrutura que funda o texto não é transparente, por isso é necessário que o leitor faça uma perícia textual para compreender as palavras do outro, isto é, comunicar-se com sucesso. Para tal, é essencial considerar intenção comunicativa e situação de enunciação. À Pragmática importa refletir sobre a comunicação entre os sujeitos e o alcance da compreensão nesse processo; por essa razão, essa área da Linguística fundamenta as reflexões propostas neste artigo, complementadas pelos pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva, os quais estão relacionados à forma como nos expressamos por meio da linguagem a partir de nossas experiências. Argumentos defendidos por Van Dijk (1996); Kintsch e Rawson (2013); Marcuschi (2011), Dascal (2006), Bakhtin (1997; 2006), Filmore (2009), Koch (2006) fundamentam o estudo. Por meio desse apanhado teórico-conceitual e de comentários, em perspectiva interpretativa, objetiva-se discorrer sobre o percurso do leitor quando em contato com o texto escrito para a compreensão. Pode-se concluir que, para esse percurso, a integração de informações identificadas no texto e o conhecimento prévio do leitor estão envolvidos de modo a formar o modelo situacional, que é pautado em hipóteses coesivas-coerentes, acrescido de estratégias inferenciais subjacentes a todo processo de compreensão leitora.

Palavras-chave: Texto, Inferências, Modelo Situacional, Compreensão Leitora.

¹ Universidade Federal do Piauí – UFPI, Teresina, Piauí, Brasil; Centro de Ciências Humanas e Letras – CCHL, Teresina, Brasil; <https://orcid.org/0000-0003-1160-9359>; angelifreire@edu.ufpi.br

INTRODUÇÃO

"...a linguagem sempre nos conduz ao que está por trás de si mesma e da fachada da expressão verbal visível que ela apresenta inicialmente" (Gadamer, 1976, p.8)

A reflexão sobre como se processa o entendimento sobre o mundo e o papel da linguagem nesse processo é complexa, mas sobre esse processamento é possível dizer que ele parte da capacidade de percepção de cada sujeito e das representações que são geradas para um mundo particular no coletivo, compartilhadas pela "fachada da expressão verbal visível". Identificar essa relação percepção-representação é um passo inicial para refletir sobre a compreensão, em que se envolvem conjugação e abstração de significados.

Para a experiência leitora, contam-se conhecimentos sobre o mundo e as relações nele estabelecidas: cognitivas, linguísticas, sociais e culturais. Ainda que estabelecidas as relações, não há garantia de que reconhecer, representar e apresentar definam o processo de compreensão em sua totalidade.

Diante da complexidade do processamento da compreensão leitora, e das diversas perspectivas teóricas que procuram refletir sobre o tema, fez-se necessário o recorte de abordagem no artigo, que é o direcionamento teórico sobre a compreensão do texto escrito, conjugando reflexões dos estudos semânticos e pragmáticos. Estudos que propõem um modelo cognitivo para a compreensão, perpassando uma análise textual e seu processamento integraram o escopo teórico para a argumentação proposta, com base nos autores: Kintsch e Rawson (2013), Van Dijk (1992), Dascal (2006), Marcuschi (2011) e Koch (2006); ainda, uma abordagem dialógica à luz das contribuições de Bakhtin (1997).

A compreensão é resultante da capacidade de o leitor construir uma representação semântica do objeto de leitura, isso significa propor um modelo de leitura que não só ressalte as informações expressas na proposição textual (as quais são identificadas e selecionadas pelo leitor), mas também as inter-relações a partir dessa proposição. As palavras do locutor são "passadas" ao leitor através do texto, é uma conversa, como afirma Bakhtin (1997, p. 294) "o locutor termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar à compreensão ativa do outro" essa alternância confere ao leitor a posição de locutor. Para construir o modelo da situação comunicativa, o leitor recupera o conhecimento prévio em relação ao assunto do texto e o integra às novas informações expressas

pela materialidade linguística, integrando o novo com o velho para a organização do conteúdo no texto, produzindo ativamente suas respostas.

Com base em estudos da Psicologia Cognitiva, precisamente a teoria do processamento da informação, que busca explicar o processamento da informação na mente humana, como os sujeitos percebem, aprendem, recordam e processam as informações, afirma-se que para a compreensão de um texto há um processamento complexo de informações. Associa-se tal explicação ao entendimento da leitura como atividade interativa que envolve leitor-texto-contexto. É por meio dessa interação que o leitor constrói ativamente significados, levantando hipóteses coerentes para um texto.

O leitor que na interação com o texto não recuperar as informações em sua memória, as quais são importantes para a sua compreensão, e não as integrar às novas informações fornecidas pelo texto, não o compreende em maior grau. Não basta formar uma base textual correspondente, a partir da identificação das proposições textuais, é necessário o inter-relacionamento das proposições com base em aspectos pragmáticos. No caso de priorizar o reconhecimento de proposições, o leitor pode até reproduzir o texto mecanicamente, mas isso não significa compreender. A compreensão envolve a reflexão sobre a formação da base textual e a representação da situação descrita pelo texto, que é recuperada via inferencial, o que pode ser entendido como modelo situacional e, ainda, a capacidade de reformulação com ou sem acréscimo de novas informações.

Para os autores Kintsch e Rawson (2013); Van Dijk (1992), a compreensão de um texto envolve a elaboração de uma representação textual, que diz respeito à estrutura linguística e o seu significado, e a abstração a partir dela, o que corresponde a um modelo mental da situação descrita no texto. Esse modelo mental não é só construído com base nas informações expressas na proposição textual, as quais são identificadas e selecionadas pelo leitor, mas também com base na recuperação, via conhecimento prévio, do assunto do texto. Para tal, as inferências são necessárias, e elas envolvem o conhecimento linguístico, textual e enciclopédico do leitor. Além desses aspectos, faz-se necessário observar as condições de produção, o contexto social e o leitor.

O bom leitor, portanto, será aquele capaz de identificar o conteúdo informacional do texto, reformulá-lo e estabelecer relações a partir dele, o que envolve a produção de inferências na conjunção de aspectos de ordem sintático-semântica e pragmática, que são integradas na operacionalização da significação no texto, a partir da observação de suas 'camadas de

significância' (Dascal, 2006): sentença, proposição, fenômenos pragmáticos que, conjuntamente, revelam intenção.

Neste capítulo expõem-se reflexões sobre os processos básicos envolvidos na compreensão do texto escrito. Defende-se que a compreensão é uma atividade cognitiva que envolve não só aspectos linguísticos, mas também se associa a uma rede de fenômenos pragmáticos. O capítulo está organizado em duas seções, acrescidas das considerações finais. Na primeira seção, destacam-se um conceito de texto e aspectos constitutivos do processamento leitor; na segunda, destaca-se a relação texto e leitor.

O TEXTO EM CONSTRUTO E ESPECIFICIDADES PARA A COMPREENSÃO

Para seguir com a explanação, é importante pontuar, em diálogo com as teorias de base da Linguística textual e da Pragmática, disciplinas que se situam no contexto das teorias discursivas, que o texto se constitui em atos comunicativos e, como tal, tem suas feições a partir de intenções, contextos, funções e interlocução.

Pode-se conceber o texto como um construto, um cenário em que se configuram ações languageiras, performáticas (Austin, 1960). Os textos são unidades de sentido que se inscrevem nas interações, são enunciados que se estabelecem na alternância dos sujeitos "falantes" o locutor que se expressa e espera o outro em posição responsiva. Para Bakhtin, (1997, p.302) "aprender a falar é aprender a estruturar enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, menos ainda, é óbvio, por palavras isoladas)". Nesse processo de "fala" os interlocutores são mobilizados por uma intenção comunicativa, em que o outro funciona como um "aparente" limite para aquele que fala ou escreve e, na condição de ouvinte ou leitor, cabe uma resposta para o "querer-dizer" do locutor. Assim, todo nosso dizer é constituído na expectativa de resposta. Segundo Bakhtin ([1979]1997):

O primeiro e mais importante dos critérios de acabamento do enunciado é a possibilidade de responder – mais exatamente, de adotar uma atitude responsiva para com ele (por exemplo, executar uma ordem). Esse critério vale tanto para a curta pergunta banal, por exemplo: "Que horas são?" (pode-se respondê-la) ou para o pedido banal ao qual se pode aceder ou não aceder, quanto para a exposição

científica, com a qual se pode concordar ou discordar (total ou parcialmente), e para o romance (no âmbito artístico), sobre o qual se pode formular um juízo de conjunto. É necessário o acabamento para tornar possível uma reação ao enunciado. Não basta que o enunciado seja inteligível no nível da língua. Bakhtin (1997, p. 300)

O autor afirma que a compreensão de uma fala viva é uma atitude responsivo-ativa. Esse entendimento diz respeito aos enunciados em geral, nas distintas modalidades. Na relação de interlocução, a compreensão é a baliza para a constituição do enunciado como prática comunicativa, em que há um “dever de compreender” que se constitui no contexto de comunicação.

Daí Dascal (2006, p. 107) afirmar que toda compreensão é sempre pragmática, não é só compreender apenas as palavras, o significado da sentença em si, mas procurar alcançar as intenções do falante. Para o autor, quem realiza um ato comunicativo tem a expectativa de que “por meio do seu ato comunicativo, seu interlocutor possa ‘entrar em contato’ com o seu estado mental, ou seja, (...) o seu ato gera um dever para o destinatário, o ‘dever de compreender’”. Nem sempre o interlocutor obtém êxito nessa relação porque os atos comunicativos não são transparentes e não é possível alcançar o “estado mental” do locutor. Estabelece-se um jogo que, para o interlocutor, é o de se aproximar de uma intenção tendo por base a elocução, o contexto linguístico.

Em retomada ao tópico sobre a representação textual e o modelo situacional é importante destacar, no que diz respeito à compreensão, que é necessário ampliar o foco para além da “apresentação textual”, em nível lexical, sintático e semântico. No entanto, não se pode ignorar essa representação porque a compreensão se inicia na identificação de palavras, sentenças e no estabelecimento de relações coerentes para a significação no texto, observando o que atravessa a “fachada da expressão verbal”, a informação metalinguística. Para Dascal (2006):

(...) o chamado significado normalmente é confinado ao ‘conteúdo proposicional’ da sentença, a significância da elocução da sentença inclui outros fatores além do conteúdo proposicional: a razão da elocução do falante (que pode envolver ou o ‘ponto’ da elocução ou a sua ‘motivação’, ou ambos), a força ilocucionária da elocução, o grau de compromisso do falante com o que ele disse (...) as mensagens indiretas – tais como as

'implicaturas conversacionais' – que a elocução pode ou não transmitir (intencionalmente), a informação não-intencional sobre o falante e as suas crenças que podem ser apuradas a partir da elocução, etc. Dascal (2006, p. 326)

Entender como se processam informações no texto e identificar os elementos que conduzem a uma significação é a base do processo de compreensão do texto; trata-se de uma relação entre o que há explicitado na materialidade e o que pode ser a ela vinculado, e a partir dela, considerando a situação no texto. É essa relação existente entre a materialidade e o seu contexto situacional que envolve características específicas a qual o texto remete. Nesse caso, o leitor precisa selecionar características situacionais que, embora não estejam mencionadas explicitamente no texto, fazem parte dele.

O leitor, ao entrar em contato com essa materialidade, procurará identificar o que as proposições significam. Ele procurará motivos, sentidos para elas buscando a razão do modo e das escolhas feitas. Nota-se que o leitor, como peça constituinte no ato comunicativo, tem um papel importante, mas não cabe somente a ele a construção do sentido. Como destacado, trata-se de um "ato comunicativo" o qual é movido por uma intenção, a intenção de alguém para comunicar algo; portanto, o texto comporta a intenção de um locutor, a comunicação, portanto, se estabelece por meio do texto como ponte para os pares locutor e leitor.

Nesse processo de compreensão, portanto, outros elementos precisam ser considerados: a passagem entre o texto e o leitor, quem está na outra ponta do processo de produção. Então, o locutor que elabora e organiza a materialidade estabelece um roteiro para que seu leitor o compreenda, e para tal é necessário considerar o contexto em sua função "completadora", conforme Dascal (2006, p. 43). O autor destaca dois tipos gerais de informação contextual que se interligam ao processamento da compreensão: o contexto metalinguístico e o contexto extralinguístico, ambos possuem subdivisão em níveis específico, intermediário e geral.

O contexto metalinguístico é uma generalização da noção de co-texto. Ele envolve a informação linguística, as convenções e o conhecimento estrutural, já o contexto extralinguístico diz respeito às circunstâncias situacionais no entorno linguístico, envolvendo as circunstâncias sociocomunicativas do leitor. Nas palavras do autor:

[o contexto metalinguístico] inclui o "texto" ou "discurso" no qual a elocução a ser interpretada está inserida, assim como outros tipos de informação linguística, como a língua

e o dialeto do falante, o gênero ao qual pertence esse discurso em particular, o registro que o falante emprega nessa elocução em particular, as normas comunicativas pertinentes à situação específica em que a elocução é proferida, entre outros. (...) O contexto extralinguístico inclui informações sobre o universo de referência ao qual a elocução se refere, o conhecimento de fundo background e de crenças compartilhado entre falante e destinatário, as circunstâncias específicas da situação de elocução, os hábitos e as idiossincrasias do falante e do destinatário” (Dascal, 2006, p. 45).

Como os textos nunca são totalmente explícitos, sempre existem lacunas (como “espaços em branco”) para o leitor, nesse movimento de leitura, ele altera, modela e revê o modo de preenchimento, e isso ocorre de forma instantânea, ou seja, no acontecimento da leitura, independente do tempo de leitura ou nova leitura realizada para o mesmo texto. Para o estabelecimento das inferências necessárias ao texto, para que ocorra uma compreensão em maior grau, exige-se conhecimento para que isso ocorra. Assim, pode-se entender que lacunas e inferências são fenômenos interligados, conforme Dascal (2006):

(...) a expressão verbal em um texto ou discurso está sempre incompleta, no sentido de que existe um ‘significado’ por trás do que é nela explicitamente expresso, não se pode esperar obter uma ‘compreensão’ total ou suficientemente ampla de uma peça do discurso, enfocando somente ela. O(s) significados implícitos só podem ser revelados, descobertos ou conjecturados, apelando-se conjuntamente ao que é linguisticamente expresso e ao ‘contexto’. Dascal (2006, p. 644)

O texto é como “pele” instaurada por palavras, constituidoras de sua materialidade, a qual é “cortada” pelo leitor por meio da identificação de camadas de significação. O leitor busca costurar as palavras, considerando a intenção geradora do enunciado, preenchendo as lacunas por ele reconhecidas. Nesse processo, fatores diversos estão envolvidos.

O dizer expresso no texto precisa ser “costurado” em enlaces coerentes, e necessita contemplar o universo inferível a ser identificado pelo leitor. Para isso, ele realiza um exame minucioso da expressão verbal, agregando suas impressões, experiências, e revela no contato com a materialidade sua perspicácia não só em identificar as particularidades do texto, seja pela identificação de pistas, seja pela identificação de lacunas, mas também em

conversar com esse texto que é constituído por camadas de significância que se inter-relacionam para que a elocução seja compreendida.

Por essa razão, compreender um texto é ultrapassar em grande medida sua materialidade, considerando níveis inferenciais, sem abandoná-la. As inferências, com base na visão de Dascal, surgem a partir de lacunas que, para o seu preenchimento, contam com a ativação automática de conhecimentos do leitor (inferência local), desde que o leitor tenha familiaridade com o que o texto diz, como no exemplo: O aparelho de jantar que eu ganhei não está mais completo, quebrou um prato. O leitor tem conhecimento sobre o que é um aparelho de jantar e de que o prato é umas das peças que o compõem; portanto, aparelho de jantar, alimentação, prato são elementos que estão inter-relacionados. Essa relação se dá pela ativação automática de conhecimento, isto é, a ativação de frames (Fillmore, 2009 [1982]).

Os frames são um tipo de inferência ativada para a interpretação de um enunciado; são esquemas formulados por nossas experiências na memória. Para o autor, o processo de compreensão de um texto envolve recuperar ou perceber os frames evocados pelo conteúdo lexical do texto e combinar esse tipo de conhecimento esquemático [...] a fim de conceber uma determinada 'visualização' do 'mundo' do texto" (Fillmore, 2009 [1982], p.37).

Há inferências que requerem do leitor maior tempo na recuperação de informações, ou seja, na ativação de conhecimentos relevantes e necessários à compreensão, e que exigem um controle consciente para relacionar as estruturas de conhecimento existentes sobre um dado texto. No exemplo: "Além do aparelho de jantar, eu ganhei um jogo de sousplat da Porto Brasil". Para esse enunciado, o leitor precisa saber o que é sousplat, qual a sua relação com aparelho de jantar e o que é Porto Brasil. E a depender do leitor, esse será um conhecimento a ser recuperado, saber que sousplat é o prato com um diâmetro maior em relação ao prato que serve a comida, colocado como base para esse prato de servir a refeição; e ainda, que a Porto Brasil é uma empresa brasileira que comercializa cerâmicas. A depender do leitor, essas informações não são rapidamente recuperáveis. O exemplo é simplista em relação ao todo que envolve o processo de compreensão leitora, os diferentes gêneros e o conteúdo informacional que pode vir a integrar um texto, mas esclarece a distinção que se propõe entre inferências locais e globais.

Em suma, para compreender um texto, o leitor deve levar em consideração os aspectos linguísticos, discursivos e pragmáticos que o envolvem

(i) o reconhecimento da materialidade verbal, nível linguístico; (ii) a relação remissiva ou de retomada entre as proposições de modo coerente, bem como a organização dos tópicos, o nível semântico do texto e os processos inferenciais e (iii) a representação da situação descrita pelo texto na relação com a exterioridade. Uma compreensão que se limite às inter-relações do que é explicitamente expresso na materialidade é superficial, mesmo porque a expressão verbal em si mesma é um apoio para a projeção do que se intenciona dizer, é a “fachada” que dá acesso ao que se pretende comunicar.

ORIENTAÇÕES SOBRE O MAPEAMENTO TEXTUAL PARA A COMPREENSÃO

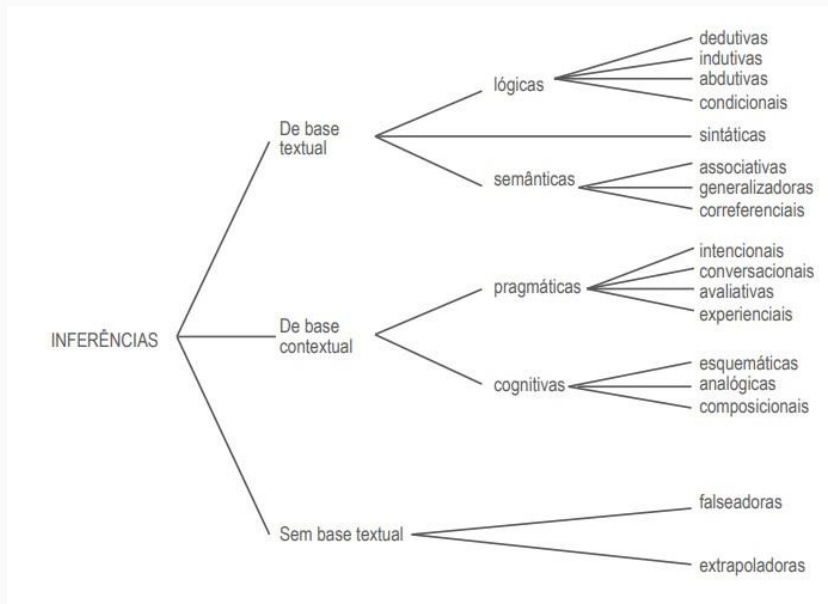
No que tange a essas reflexões para o contexto de ensino, verifica-se que cabe ao aluno identificar as informações relevantes no texto, envolvendo o metalinguístico e o extralinguístico, e relacioná-las com base em seu conhecimento prévio, que é acessado por meio de aspectos cognitivos e sociais, o que está além do texto. E é nesse processo, caso aconteça de modo coerente, em relação ao conteúdo no texto, que o aluno/leitor pode revelar a compreensão, a partir do modo como ele elabora a representação semântica do texto, ou seja, como ele responde e expõe o conteúdo global (VAN DIJK, 1992).

As inferências produzidas partem de pistas que o leitor identifica no texto, elas são pontes para a significação, dizem respeito a hipóteses que o leitor estabelece para integrar conteúdos no texto, o que envolve também o contexto do texto. Essas inferências podem se destacar na perspectiva sintático-semântica (base textual) e na perspectiva contextual (da qual faz parte o conhecimento do leitor em diálogo com o que está no texto, suas experiências). Em suma, as inferências estabelecidas pelo leitor têm a função de integrar informações no texto, ao passo que o leitor vai integrando as informações, ele estabelece relações de sentido unindo as ideias de modo coerente. Por essa razão, a atividade de compreensão é inferencial, em sua natureza, e é complexa por envolver fenômenos cognitivos e pragmáticos.

Esse processo revela níveis na relação com o texto, uma apresentação em camadas que são integradas por meio de inferências, suas camadas de significância (Dascal, 2006), são eles: o terreno do material linguístico expresso; o nível intermediário, que conta com as inferências a partir do conteúdo do texto, o seu contexto situacional; o nível mais profundo, envolve os níveis anteriores, no qual o conhecimento de mundo do leitor,

suas crenças, opiniões se sobressaem para o diálogo com o texto; e, ainda, um nível de extrapolação, em que se distancia do núcleo informacional no texto. Nesse entendimento que Marcuschi (2011) propõe tipos de inferências que o leitor usa no contato com o texto. Destacam-se a seguir:

Figure 1 - Retirado de Marcuschi (2011), p.96

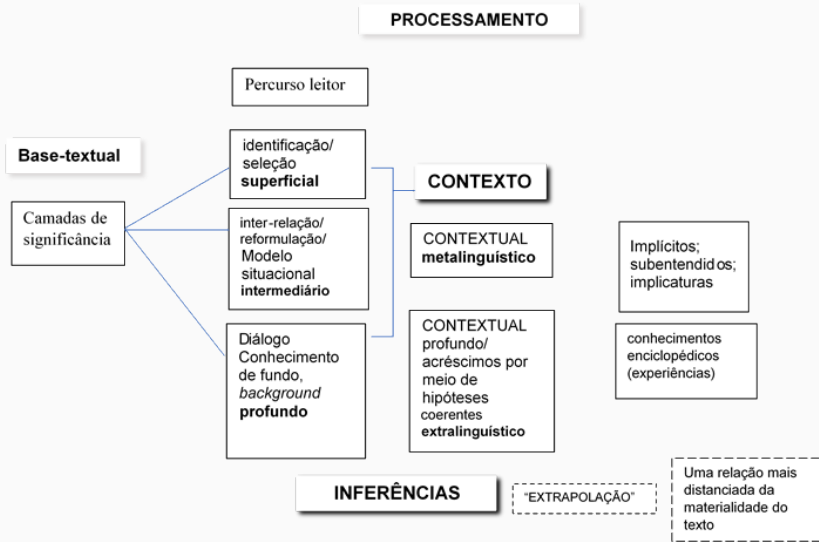


Um olhar inocente do leitor diante de um texto não lhe permitirá enxergar o dizer para além do que se expressa na materialidade, é preciso um olhar atento para identificar como o cultural o atravessa para construir a experiência leitora. A bagagem sociocultural e as experiências do leitor modificam o modo de ver o texto, e isso lhe permite refazer seu percurso inicial de leitura, a partir de uma experiência prévia. Ele reconstrói o conteúdo do texto, produzindo um novo texto que corresponda às condições pragmáticas e contextuais, o que acontece por meio da identificação de proposições relevantes no texto, ou seja, da relação entre estrutura textual e compreensão.

Do ponto de vista do mapeamento a ser feito pelo leitor diante do texto, a afirmação que se estabelece é a de que a atividade de compreensão envolve a identificação de informações objetivas: **base-textual** (núcleo informacional); **informações contextuais** (inferíveis) e informações no domínio das **extrapolações**. Essas informações inferíveis e, do mesmo modo, as que demonstram o que não tem relação coerente com o texto são detectadas por meio de indícios que podem revelar um percurso leitor.

Propõe-se um esquema que busca resumir a exposição. A proposta parte da confluência de posicionamentos dos autores Van Dijk (1983 – 1992); sobre a relação estrutura e compreensão; Dascal (2006) nos níveis metalinguísticos e extralinguísticos e Marcuschi (2011) sobre a atividade de compreensão como atividade inferencial em sua natureza.

Figure 2: Elaborado pela autora



Entende-se que o texto tem uma base textual que envolve o metalinguístico e o extralinguístico; portanto, uma superfície e sua circunvizinhança em condições situacionais, pragmáticas e socioculturais que são dependentes das experiências e das vivências do leitor. Assim, para a reconstrução da base-textual, o leitor identifica a estrutura e reformula seu conteúdo, não de modo idêntico, por meio de substituição e acréscimos. Esse processo acontece de modo inferencial, envolvendo informações metalinguísticas e extralinguísticas, as inter-relações no texto e a partir dele, o contexto pragmático que envolve as experiências do leitor, podendo ainda haver um contexto profundo que permite, também, extrapolações.

Para ilustrar, em parte, as reflexões expostas, destacamos um exemplo que pode evidenciar como o texto precisa de "completadores" para que a comunicação se estabeleça com sucesso:

Figura 3: <http://www.willtirando.com.br>



Antes do comentário pertinente ao que se discorre neste artigo, faz-se importante assinalar que o exemplo é um texto multimodal e que são vários os aspectos visuais, além do verbal, a serem observados e que importam para a construção de sentidos, mas que não constituem foco de discussão na proposta apresentada, dada a limitação do gênero. Há elementos que caracterizam as personagens da tirinha, do cartunista brasileiro Will Leite, como mulheres que não são tão jovens e que o fator idade começa a ser mais visado, quando as ações do tempo precisam ser atenuadas. A depender do ponto de vista, tanto da pessoa, quanto da estética e o padrão social imposto, isso se torna um incômodo. Os cuidados, no caso retratado aqui, com a pele do rosto são mais intensificados pela preocupação com marcas que evidenciam a idade.

"Quando falo a minha idade, as pessoas se espantam". Elas perguntam 'como assim?'. A resposta "abacate" poderia, a princípio, ser considerada incoerente. Em caso da interação face a face, a explicação em resposta ao "como assim" poderia trazer os elementos esclarecedores, mas a relação inferencial é necessária para que a comunicação seja eficaz. O conhecimento prévio do leitor sobre o poder nutritivo do abacate poderá auxiliar no entendimento da tirinha. O abacate e seus benefícios, inclusive como fonte de vitamina C, podem auxiliar no combate ao envelhecimento da pele. Desse modo, a pele rejuvenescida é consequência de uma dieta rica em abacates ou resultado da aplicação de cremes com tal composição. E essa informação falta, ou precisa ser processada, ao interlocutor no texto da tirinha.

Pode-se dizer que a expressão "como assim" marca a ponte entre o enunciado produzido e o alcance do significado pelo leitor. Essa lacuna deve ser preenchida contextualmente, e isso envolve não só o contexto extralinguístico, mas também cognitivo. O sentido só é recuperado quando

o significado literal é transgredido para o acesso à intenção comunicativa, o que é feito por meio de um contexto de ligação. Esse sentido é construído tendo por base conhecimentos compartilhados dos interlocutores.

As informações exteriores ao texto são importantes para que o leitor estabeleça as relações de sentido; sem elas, o leitor terá dificuldades em formular hipóteses coerentes. Isso significa que está em jogo a ativação de elementos pertinentes ao frame cognitivo, conforme Filmore (2009 [1982]), sobre produtos e benefícios para a pele; trata-se de uma inferência em que se integram elementos contextuais para que seja estabelecida uma ponte até o sentido esperado para o texto.

A Pragmática se ocupa dos mecanismos inferenciais empregados pelo leitor/ouvinte no reconhecimento da intenção comunicativa do locutor/falante, que deve ultrapassar o significado literal. Muitas vezes a significação está "velada" no texto, isto é, o leitor precisa operacionalizar estratégias para estabelecer uma ponte para construir a relação de sentido, o que caracteriza, conforme Grice (1967), uma implicatura conversacional. Quando o significado da sentença e da elocução não coincide com o significado aparente, as palavras podem transmitir um conteúdo diferente do que elas significam semanticamente.

Caberá ao leitor, em seu movimento cooperativo para o sentido, buscar variáveis que possam conduzi-lo à compreensão. A rede de implícitos deve ser recuperada pelo leitor para que as camadas de significação, além da estrutura semântica, sejam alcançadas, ainda que de modo parcial, pois não há explicitude total do dizer. Vê-se que nesse processo estão envolvidas informação imediata, a partir das convenções linguísticas, e as circunstâncias de elocução, conhecimentos que fazem parte do modelo mental do leitor em relação à situação descrita (frames) e o conhecimento de fundo que envolve os fatos, o contexto social, a partir do conhecimento ativado pelo leitor.

O leitor deve percorrer diferentes trajetos para o acesso aos sentidos possíveis para um texto; não basta a significação básica do que a expressão verbal mascara, é preciso, para recuperar a intenção comunicativa, atravessar esse material para construir os sentidos por meio dele veiculados, os quais podem ser modificados ao longo das interações. Segundo Dascal, "a compreensão perfeita seria possível quando a mente do outro fosse inteiramente manipulada por uma pessoa ou quando alguém fosse capaz de 'colocar-se no lugar do outro' totalmente" (grifo nosso) (2006, p. 117), complementa "entrar na cabeça do outro e ver as coisas com seus olhos" (p.122). Assim, compreender é estabelecer um caminho de resposta

que tem por base a busca da intenção do falante ou do locutor do texto; para tal, não basta identificar os sentidos que as palavras sustentam, mas o que o falante quer ao dizê-las, que conteúdo por meio delas se pode acessar, em outras palavras, buscar uma razão comunicacional para o texto, pois não há o alcance preciso do dizer do locutor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura envolve a identificação de uma representação textual e sua "transformação" em significado; o reconhecimento, portanto, é a base do processamento leitor, o qual acontece por meio de múltiplos processos interdependentes. Ela é o reflexo de uma interação comunicativa entre as intenções do locutor do texto, o conteúdo do texto, o leitor e o contexto de interação, envolvendo habilidades cognitivas como percepção, memória, monitoramento e inferências.

O processo de compreensão do texto envolverá o modo de organização e a condução das informações apresentadas no texto, o que é responsável pelo conteúdo daquele texto, considerando o termo "informação" referindo-se a nível de visualização e suposição. Como o texto não diz respeito, unicamente, a esse nível informacional pode-se afirmar que compreender é mais do que identificar as informações textuais, é buscar o conteúdo por meio delas expresso a partir das marcações da intenção de um locutor. Essa busca parte do ponto de vista da análise textual e de seu processamento e será estabilizada conforme as experiências dos sujeitos, produzindo hipóteses sempre relacionadas ao contexto situacional e extralinguístico.

Compreender passa pelo estágio de identificar a organização das proposições que constitui a materialidade do texto, o que se denomina contexto ou contexto linguístico (Koch, 2006), estabelecer o encadeamento das proposições, o qual promove a textualidade, o que se refere não só aos elementos explicitados, mas ao entorno que corresponde à semântica no texto, ou seja, à relação sintático-semântica. Todavia, compreensão não envolve apenas esse processo de identificar e associar elementos na superfície de acesso ao conteúdo do texto. É preciso identificar a razão de tal associação, os sentidos que a permitem e o quanto da exterioridade é necessário para que um sentido seja construído e estabilizado

Com base no que conhece do texto, o leitor estabelecerá relações, o que é feito por meio de inferências, operacionalizando implícitos, subentendidos. São muitas as manobras para a produção de sentidos: identificar

o gênero, reconhecer implícitos, as implicaturas, estabelecer inferências; enfim, buscar o que não está na elocução, mas que faz parte dela. É preciso atravessá-la para se aproximar ao querer-dizer do enunciador, e a elocução é um ponto de partida.

O processo de atribuição de sentidos também envolve a opinião do leitor, suas crenças e valores e, a depender do modo como ele os correlaciona ao texto, poderá se distanciar da intenção do locutor. Assim, nesse jogo de sentidos poderá, também, extrapolar o conteúdo do texto, distanciando-se dele.

O lugar dessas reflexões como orientação para o professor e para o seu trabalho na sala de aula, com o ensino da leitura, está em evidenciar para o seu aluno os diferentes fenômenos linguísticos e pragmáticos que devem ser considerados quando em contato com o texto. Esse trabalho deve ser uma espécie de bússola na condução das atividades de perícia textual em que as camadas textuais possam ser identificadas e que a sua participação ativa, enquanto leitor, leve em consideração não só o conhecimento das situações expressas no texto, mas também a sua bagagem que envolve não só as experiências no mundo, mas também a sua sensibilidade em relação a elas e aos contextos que perpassam os textos.

ABSTRACT

The reader, in his experience with the text, follows a way of access to the utterances, this structure that founds the text is not transparent, so it is necessary for the reader to make a textual expertise to understand the words of the other, that is, to communicate successfully. To this end, it is essential to consider communicative intent and enunciation situation. Pragmatics should reflect on the communication between the subjects and the scope of understanding in this process; for this reason, this area of Linguistics bases the reflections proposed in this article, complemented by the theoretical assumptions of Cognitive Linguistics, which are related to the way we express ourselves through language from our experiences. Arguments defended by Van Dijk (1996); Kintsch and Rawson (2013); Marcuschi (2011), Dascal (2006), Bakhtin (1997; 2006), Filmore (2009), Koch (2006) underlie the study. Through this theoretical-conceptual and commentary approach, in an interpretative perspective, the objective is to discuss the reader's path when in contact with the written text for understanding. It can be concluded that, for this path, the integration of information identified in the text and the reader's previous knowledge are involved in order to form the situational model, which is based on cohesive-coherent hypotheses, plus inferential strategies underlying the whole process of reading comprehension.

Keywords: Text, Inferences, Situational model, Reading comprehension.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**, 2 ed. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

FILLMORE, C. **Semântica de frames**. In: Cadernos de Tradução, 25, 2009, p. 25-54.

DASCAL, M. **Interpretação e compreensão**. Rio Grande do Sul, Editora Unisinos, 2006 GRICE, H. P. 1967 [1957]. Meaning. Philosophical. Review 66: 337-388, [Reprinted in P.F. Strawson (ed.). Philosophical Logic. Oxford University Press, 39-48; also in Grice, 1989]

KOCH, Ingedore G. V. **Desvendando os segredos do texto**, São Paulo, Cortez, 2006.

DIJK, Van. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo, Contexto, 1992.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Compreensão textual como trabalho criativo**. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 89-103, v. 11.

Walter Kintsch and Katherine A. Rawson. **Compreensão**. In: HULMES, Charles e SNOWLING, Margareth J (orgs.). A ciência da leitura. Porto Alegre, RS, Editora Penso, 2013.